

JANE AUSTEN E A *SLASH FICTION*: O AMOR PROIBIDO ENTRE MR DARCY E MR BINGLEY NA *SLASH* DO SÉCULO XX

JANE AUSTEN AND SLASH FICTION: THE FORBBIDEN LOVE BETWEEN MR DARCY AND MR BYNGLEY IN A 20TH CENTURY SLASH

Juliana Dias Bastos¹
Orientadora: Prof^a Dr^a Denise Carrascosa

RESUMO: O presente trabalho tem como objeto o texto *Pride/Prejudice: A novel of Mr Darcy, Elizabeth Bennet, and their forbidden lovers*, uma obra de *slash fiction* escrito pela autora Ann Herendeen no final do século XX. Para discuti-la, este artigo apresenta e se aprofunda nas características da *fanfiction*, um texto que toma uma obra previamente existente e da qual o fíctor, o escritor da *fanfic*, é fã e utiliza-a como ponto de partida para a produção de um novo texto que mantenha as características (personagens, cenários, locais, etc) do texto de partida. Entre os possíveis sub-gêneros da *fanfic* está a *slash fiction*. No contexto da *slash fiction*, os desdobramentos da obra de partida incluem a inserção de tramas de caráter homoerótico masculino. *Pride/Prejudice* é uma reescritura da obra de Jane Austen, *Orgulho e Preconceito*, lançada no início do século XIX. O enfoque desse trabalho está em se aprofundar na discussão das representações de gênero dentro da *slash Pride/prejudice* estudando-a através da instrumentalização da Teoria Queer, e de discussão das questões relativas à pós-modernidade. Para tal investidura será importante contar com a reflexão de certos autores, tais como Maria Lúcia Bandeira Vargas, Judith Butler, Linda Hutcheon e Fredric Jamerson.

Palavras-chave: *Pride/Prejudice*. *Orgulho e Preconceito*. Fan Fiction. *Slash Fiction*. Gênero.

ABSTRACT: This paper takes as its object the text *Pride / Prejudice: A novel of Mr Darcy, Elizabeth Bennet, and Their forbidden lovers*, a work of fiction written by the slash author Ann Herendeen in the late twentieth century. To analyse it, this article presents and discusses the features of fanfiction, a text that takes a pre-existing work is which the fíctor, the writer of fanfic, is a fan and uses it as a starting point for the production of a new text that maintains the characteristics (characters, settings, locations, etc.) of the source text. A possible sub-genre for fanfics is slash fiction. In the context of slash fiction, there's the insertion of male homoerotic characters. *Pride/Prejudice* is a rewrite of Jane Austen's work, *Pride and Prejudice*, launched in the early nineteenth century. The focus of this work is to deepen the discussion of gender representation within the slash *Pride/Prejudice* studying it through the instrumentalization of Queer Theory, and discussion the issues related to post-modernity. To this will be important authors like Maria Lucia Bandeira Vargas, Judith Butler, Linda Hutcheon, and Fredric Jamerson

Keywords: *Pride / Prejudice*. Fan Fiction. *Slash Fiction*. Genre.

¹Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura (UFBA). E-mail: julidbastos@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Como seria poder influenciar no desenvolvimento da sua obra literária favorita? A *fanfiction* abre caminho para realização do sonho de muitos, pois são uma interferência no texto que muitos supõem finalizado e imutável.

Em 2005, Maria Lúcia Bandeira Vargas escreveu *O fenômeno fanfiction*, primeiro livro acerca do tema publicado no Brasil, além de produzir uma dissertação e uma tese sobre o tema. De lá para cá, textos investigando a *fanfiction* foram aumentando, embora esse ainda seja uma nomenclatura desconhecida por muitos. Afinal o que é *fanfiction*?

Fanfiction é o nome que designa um gênero de produção textual de cunho literário, embora de caráter amador, nome cunhado pelos próprios autores e leitores deste gênero ímpar. O gênero surgiu dentro dos chamados fandonos, grupos de pessoas que se relacionam com base em uma profunda apreciação por uma narrativa ficcional, normalmente produzida pela indústria cultural e divulgada através dos meios de comunicação de massa. A *fanfiction* (também grafada *fan fiction*), *fanfic*, ou simplesmente *fic*, é um tipo de ficção produzida, como o próprio nome em língua inglesa indica, por um fã que faz uso dos cenários, dos personagens e da trama desenvolvidos na narrativa original, sem nenhum intuito comercial ou de lucro de qualquer espécie, apenas para o deleite dos fanáticos, ou seja, dos admiradores mais ardentes da obra em seu conjunto ou mesmo apaixonados apenas por alguns de seus personagens (VARGAS, 2011, p. 16).

Esse gênero encontrou um abrigo na internet, onde tem um alcance muito maior do que publicações em papel – disponível para mais leitores, a nenhum custo a não ser o do próprio acesso à internet e não é necessário cadastro pessoal nos sites, o que permite visualizações ilimitadas dos textos –, além disso, é uma forma de se colocar à margem das questões de *copyrighting*, uma vez que a postagem desses textos na internet não tem nenhum fim lucrativo para seus escritores.

Apesar dessa explosão propiciada pela internet, a *fanfic* surgiu antes disso, embora não se saiba exatamente quando. Fabíola do Socorro Figueiredo dos Reis (2011) nos dá algumas pistas ainda inconclusivas, citando *Escrever e Apagar* de Roger Chartier, que aponta o livro *Segundo Tomo Del Ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha, que contiene su tercera salida; y es la quinta parte de sus aventuras* como uma continuação do livro de Cervantes Don Quixote de la Mancha:

(...) foi idealizada por um editor do século XVII, chamado Alonso Fernandez de Avellaneda, que resolveu continuar as aventuras do cavaleiro medieval. Essa sequência foi composta com base nas últimas páginas da primeira parte

da obra, e foi impressa em 1614. Os críticos, entre eles o próprio Cervantes, admitem que a continuação apócrifa de Don Quixote foi escrita com interesse e zelo próprio do novo “autor,” que encontrou, inclusive, “falhas” na primeira parte” (p. 35).

É esse, exatamente, o cerne da *fanfic*, mesmo que publicada em 1614. A partir daí, fica mais fácil rastrear a *fanfic* a partir da década de 1970, quando surgiram as convenções de fãs (*conventions* ou *cons* em inglês) da série *Star Trek*, em português *Jornada nas Estrelas*. Lá, os admiradores da série podiam conversar de forma aprofundada sobre ela e apresentar textos de criação própria, estes também objetos de discussão por parte dos leitores fãs da série. Foi a partir daí que surgiram os *fandoms*, nesse caso específico, formado pelos fãs de *Star Trek*. *Fandoms* são extremamente importantes para a disseminação de um texto/autor, música/cantor ou banda, pois são grupos de suporte e divulgação (e muitas vezes de defesa apaixonada) daquilo ou daquele do qual são fãs. *Fandoms* podem mudar o rumo de um texto em andamento (no caso de *fandoms* de uma série televisiva ou de uma série de livros, por exemplo) ou convencer um autor a continuar produzindo um certo tipo de texto ou continuar utilizando um determinado personagem que seja querido pelo *fandom*. Logicamente, em 1970 os *fandoms* não tinham todo esse poder, mas atualmente, mais uma vez por causa da internet, os fãs podem discutir seu objeto de interesse em fóruns online que são muitas vezes frequentados também por agentes de editoras, emissoras de televisão e produtores interessados em saber sobre o sucesso, e consequentemente o lucro, que um livro, série, banda, etc ainda pode render. Inclusive, o cancelamento de um livro ou série pode ser motivo da produção de *fanfictions* por parte do *fandom* para que esses fãs continuem em contato com o seu objeto de afeto.

Ainda existem convenções de fãs, mas, atualmente, o lugar com maior disponibilidade de *fanfictions* é a internet. Sites como o Fanfiction.net, Quotev.com e FicWad.com têm milhares de histórias escritas pelos fiores, os escritores das *fanfic* que também são conhecidos como *ficwriters*, e milhares de leitores. Atualmente até a Amazon tem um site onde disponibiliza *fanfics*, o Kindle Worlds, totalmente livre de problemas de copywrigting e onde os fiores podem ganhar dinheiro com suas histórias. Outras editoras também já perceberam que as *fanfics* podem ser lucrativas o que tem ocasionado a publicação de algumas delas. Por exemplo, o best-seller *50 Tons de Cinza* – *fanfic* de outro best-seller, a saga de vampiros brilhantes *Crepúsculo* escrito por Stephenie Meyer. Em 2013, E. L. James, a

escritora dos livros que compõem a trilogia *50 tons de Cinza*, era considerada a escritora mais bem paga do mundo. Além disso, o filme *50 tons de Cinza* foi produzido e lançado em 2015.

Os sites mantêm uma organização própria, ordenando as *fanfics* principalmente com base no texto que é a inspiração para a *fanfic*, mas também por gêneros como romance, comédia, terror ou suspense. Um dos gêneros possíveis para uma *fanfiction* é a *slash fiction*, um gênero controverso, pois alguns sites não permitem que elas sejam postadas. *Slash Fiction* é um tipo de *fanfic* que foca no relacionamento amoroso e/ou sexual de personagens do sexo masculino. Quando dois personagens formam um casal, eles formam o que os leitores e escritores dessas histórias chamam de *shipper*. O termo *slash fiction* se refere ao título das histórias que tinham o nome dos personagens separados por uma barra (slash = “barra” em inglês). Nas histórias escritas já no século XX, vê-se que esse gênero também teve início com base nos personagens de *Star Trek*. As histórias Kirk/Spock eram comuns nos anos 1970, escritas geralmente por mulheres e muito criticadas pelos outros fãs.

Em 2010, a editora Goodreads Author publicou o livro *Pride/Prejudice: A novel of Mr. Darcy, Elizabeth Bennet, and their forbidden lovers* que, como indicado no título, é uma *slash* do livro *Orgulho e Preconceito* da escritora Jane Austen. Em *Pride/Prejudice* a autora, Ann Herrendeen, descreve o relacionamento sexual e amoroso entre os personagens Fitzwilliam Darcy e Charles Bingley ao mesmo tempo em que eles lidam com o interesse romântico pelas irmãs Jane e Elizabeth Bennet. A publicação de um livro declaradamente *slash*, classificação que a autora ratifica no posfácio, indica que as editoras creem que há público e pode haver lucro a partir da publicação desses textos. É exatamente essa obra que discutirei no texto abaixo.

2 ORGULHO E PRECONCEITO VERSUS PRIDE/PREJUDICE

Orgulho e Preconceito, escrito pela inglesa Jane Austen, foi publicado em 1813 enquanto *Pride/Prejudice: A novel of Mr. Darcy, Elizabeth Bennet and their forbidden lovers* foi escrito pela norte-americana Ann Herrendeen e publicado em 2000. Ambas as histórias giram em torno do romance entre Fitzwilliam Darcy, um rico rapaz, e Elizabeth Bennet, uma das cinco filhas de um casal de proprietários rurais. Conforme a história acontece, Darcy e Liz enfrentam problemas para reconhecer que estão apaixonados uma vez que ambos são preconceituosos e orgulhosos. Apenas no final, após uma série de acontecimentos que atestam

que ambos mudaram e não possuem mais as características referenciadas no título, é que o casal se revela apaixonado e se compromete em um relacionamento.

O texto de Herendeen acrescenta um componente essencial para tornar sua história uma *slash fiction*, o relacionamento amoroso e sexual entre Darcy e seu melhor amigo Charles Bingley, assim como um anterior relacionamento sexual velado entre Elizabeth e sua amiga Charlotte ao longo do livro, mas o assunto não é aprofundado. Em sua reescrita, esse relacionamento se inicia em um tempo anterior ao dos acontecimentos nos quais o livro foca e continua por todo ele. Mesmo quando os casais Darcy e Liz e Bingley e Jane já estão casados, Darcy e Bingley continuam a manter seu relacionamento com a aceitação das respectivas esposas.

A obra de Austen já foi extensamente estudada quanto à representação e gênero. Observando historicamente, a posição da mulher de classe alta dessa época era clara: seu papel era ser dona de casa e mãe de família. Além disso, ela deveria ser gentil, maternal, fiel e casta. Às mulheres de classe baixa era permitido atuar em áreas onde tais características fossem desejáveis como na área educacional ou sendo enfermeiras. Aos homens cabia serem os provedores da família, trabalhadores, sóbrios, detentores do poder físico e intelectual, legado ideológico que ainda chega ao século XXI. Alguns pesquisadores creem que as personagens de Austen transcendem o papel que era esperado diante do momento histórico do século XIX.

Carla Alexandra Ferreira escreve no seu artigo, “Jane Austen revisitada: além de histórias de amor e casamento”, a seguinte conclusão:

Em vez da intensificação de sentimentos e da celebração do amor, Austen estava interessada nas mudanças pessoais e de conduta (refletidas em suas relações sociais) pela qual seus personagens iriam passar, na tentativa de mostrar que homens e mulheres poderiam ser moralmente semelhantes. Na proposta por esse novo tipo de homem estava à busca pela igualdade, pelo respeito mútuo entre homens e mulheres (p. 6).

Vejo isso ao observar as características de suas personagens em *Orgulho e Preconceito*. A Darcy cabe uma mudança de ideia. Ele inicia o romance como o modelo do homem do seu tempo à caça de sua futura esposa, e, como tal, carrega a ideologia do aristocrata a respeito de quais características ela deve ter: alguém com nível social e de boa família, que pintasse, tocasse piano, dançasse, fosse discreta e, acima de tudo, submissa ao seu marido. As características que Darcy procura faltam a Elizabeth. Suas principais

qualidades são a rapidez de pensamento e o bom uso das palavras, qualidades que deveriam ser somente masculinas. Mas é exatamente nisso que ele é fisgado. Ele declara que se apaixonou pela vivacidade de sua inteligência. No fim da história, ele passa de perfeito exemplo de cavalheiro aristocrata para alguém que consegue suportar ter uma esposa a quem possa considerar como igual. A Elizabeth cabe mostrar que a sua visão de casamento por amor – que se contrapõe à visão aristocrática de casamento por compromisso ou segurança financeira – é possível. Ela não nega a necessidade de dinheiro e sabe que a paixão cega não é o melhor motor para um casamento, mas ela também sabe claramente que não deseja um casamento que não tem o amor como base.

Mas é possível ver que a fuga emperra em alguns momentos. É possível ler as características de Darcy e Elizabeth como características que expressam a ‘verdade’ da época. Por mais que, inicialmente, Elizabeth deseje não se casar, ela precisará fazê-lo, pois é o que se espera dela, da mesma forma, por mais que Darcy suavize suas características viris, ele ainda é o responsável por cortejar a dama e convencê-la a se casar com ele. O potencial de fuga das personagens é limitado dentro desse universo, o que não quer dizer que a fuga não exista, como dito no parágrafo anterior. Mas é visível que o final do romance tem que sucumbir ao que se espera do romance romântico. Elizabeth e Darcy terminam casados no estilo ‘felizes para sempre’, naquilo que descrevo como um casamento por amor ao contrário do casamento arranjado. Em si, isso não é ruim, uma vez que a maioria de nós concorda que é melhor casar por amor que por conveniência, mas ocorre que, aceitando isso, ela termina por se modificar, pois mesmo que Darcy seja um homem diferente – por causa do amor – é Elizabeth quem tem a vida revolucionada e as convicções modificadas ao aceitar uma atitude que anteriormente não lhe parecia proveitosa, o casamento. Para Darcy essa mudança particular não existe, uma vez que desde o início ele está disposto a se casar com ela, tendo com maior diferença, no fim da história a aceitação, por parte dele, do valor da família dela, algo ao qual ele não se apegava, ou seja, não foi uma mudança tão substancial. A Darcy resta ser louvado, durante a história e pelas leitoras, por aceitar uma mulher tão diferente e insubmissa quanto Elizabeth, aquele homem considerado como diferente dos outros por não se intimidar por uma mulher ‘forte’. Observo que a ideologia do amor romântico, aquele que completa a pessoa amada através do encontro entre duas metades que precisam, cada uma, ceder um pouco, está fortemente presente na conclusão do romance e é compartilhada por muitas das leitoras dessas obras. Feitas as ressalvas, o romance tem outros pontos interessantes a serem comentados

No caso de *Pride/Prejudice*, Herendeen continua com aquilo que Austen já fizera. Darcy (no livro frequentemente citado como Fitz) declara sobre Elizabeth: “*Brincalhona e sedutora como uma gatinha, mas com humanidade e graça cristã para suavizar qualquer impropriedade*” (HERENDEEN, 2000, p.8, tradução própria).² Ele elogia sua beleza e sua inteligência, mas isso ainda não é suficiente para considerá-la como um bom partido uma vez que ela não vem de uma boa família e não tem dinheiro. Quanto a Elizabeth, ela comenta sobre Fitz com sua irmã Jane como sendo: “*O frio, o todo poderoso Mr. Darcy*” (Ibidem, p. 10, tradução nossa).³ Ao fim do romance, Elizabeth e Fitz já estão casados, tendo ele superado todas as questões que impediam o relacionamento entre eles. Em uma conversa com sua irmã Jane, Elizabeth declara: “*Fitz e eu estamos ambos, em um estado de conflito constante: bom senso e responsabilidade aliados, mas em número menor, se opondo as hordas da natureza animal*”⁴. Ao que Jane responde: “[...] *Você não deve reprová-lo se ele é insistente, mas aceitar as necessidades dele com um espírito submisso*” (HERENDEEN, p. 362-363, tradução nossa)⁵. Nota-se que Jane continua sendo nessa obra o contraponto de como a mulher do século XIX deveria ser e como deveria se comportar, embora até ela se coloque, em certas partes do livro, como uma mulher com comportamento e ideias muito à frente de seu tempo. A esse comentário Elizabeth responde: “*Oh, Jane! Não são as demandas de Fitz que me atrapalham, mas as minhas próprias.*” (Ibidem, p. 365, tradução nossa)⁶ Elizabeth se coloca no mesmo patamar que seu marido, numa condição de igualdade e não de submissão. Considerando ainda que elas estão falando sobre sexo, um assunto que não é tratado na obra de partida, Elizabeth se coloca também no patamar de sentir tanto ou mais desejo sexual que seu marido.

Após mostrar que o andamento das relações feminino/masculino referente a Elizabeth e Fitz se mantém, é importante analisar isso também do ponto de vista da temática homossexual. Sendo a obra declaradamente *slash fiction*, ela foca no relacionamento entre os dois homens. Em uma conversa entre Fitz e Charles, que estão deitados juntos, Charles pede que Fitz seja mais gentil durante o ato sexual ao que Fitz responde: “*Serei tão gentil com você*

² Gentle and innocent as a doe’s but with the wit of a philosopher. Playful and seductive as a kitten’s but with the humanity and Christian grace to temper any impropriety (HERENDEEN, 2000, tradução nossa)

³ Cold, high-and-mighty Mr. Darcy (HERENDEEN, 2000).

⁴ Fitz and I are, both of us, in a state of constant conflict: good sense and responsibility, allied but outnumbered, opposing the hordes of animal nature (Ibid, tradução nossa)

⁵ (...) You mustn’t reproach him if he is importunate, but accept his demands in a submissive spirit (Ibid, 2000)

⁶ Oh, Jane! It is not Fitz’s demands that trouble me, but my own (Ibid, 2000)

como se você fosse uma mulher” (Ibidem, p.5, tradução nossa)⁷ No início da narrativa é possível ver outras frases como a citada anteriormente onde Fitz feminiliza e infantiliza Charles. Para Fitz, seu papel é cuidar de Charles uma vez que ele é jovem, inocente e gentil – características socialmente atribuídas às mulheres. Fitz tem um papel dominante na relação, enquanto cabe a Charles ser dominado, além do seu ciúme em relação ao amigo e homem que ele declara amar. Não à toa, é ele quem assegura a Charles que Jane não está interessada nele. Ao fim do romance, essa relação começa a se equilibrar, embora nunca totalmente. Em *Bodies that Matter*, Judith Butler faz uma análise sobre gênero e linguagem que interessa significativamente a esse trabalho. Ela escreve:

Nós devemos buscar retornar a matéria como anterior ao discurso para basear nossas alegações a respeito da diferença sexual apenas para descobrir que a matéria está completamente sedimentada com o discurso no sexo e na sexualidade que prefiguram e constroem o uso ao qual o termo pode ser aplicado (p. 5, tradução própria)⁸.

Essas questões se entrelaçam na obra de Herendeen. O que Butler propõe é que o que estamos acostumados a ver como natural em questões de gênero e sexualidade são construções e que a linguagem tem um papel fundamental nessa construção. Além disso, é importante perceber que essas categorias estão continuamente sendo reconstruídas, e que nós somos moldados por elas e moldamos através dela. Atualmente, a percepção de que as categorias homem/mulher e feminino/masculino não são categorias fixas, mas construídas de acordo com o tempo e lugar onde vivemos.

Porém, a percepção de que gênero é uma categoria construída é extremamente recente. Quanto Ann Oakley escreveu *Sex, Gender and Society* (1972), sexo e gênero começaram a ser vistos como categorias diferentes, o sexo é determinado biologicamente, enquanto o gênero é resultado de questões sociais e culturais. Ela também usou as pesquisas feitas até então com hermafroditas para explicitar que nem sempre sexo e gênero equivalem. Uma pessoa considerada como homem por conta dos seus órgãos sexuais e genética pode não se comportar da forma que é determinado como masculino por sua cultura ou na sociedade em que está. Porém é visível em muitas sociedades que essa diferenciação entre sexo e gênero acarreta uma carga de preconceito muito grande sobre aquela ou aquele que ousa se afastar

⁷ I will be as gentle with you as with a woman. (Ibid, 2000)

⁸ We may seek to return to matter as prior to discourse to ground our claims about sexual difference only to discover that matter is fully sedimented with discourse on sex and sexuality that prefigure and constrain the use to which that term can be put (BUTLER, 2011)

disso. É muito comum que o homem considerado como portador de características ditas femininas tenha sua sexualidade discutida. Essas características são inúmeras indo desde características físicas (voz fina, a forma como move as mãos, fraqueza física), passando por características pessoais (como sensibilidade e emotividade, gosto por moda, ter medo de algo) e sociais (incapacidade de se sustentar). Ao homossexual masculino cabe, de uma forma geral, ser visto com uma identidade feminina e quanto mais ele se aproxima dessa identidade através de suas ações (as características descritas acima), mais ele se coloca em uma posição de submissão, de dependente, necessitando de cuidados. Posição essa que deve ser socialmente ocupada pela mulher: “Não é a toa que o xingamento mais ofensivo no caso dos homens costuma ser ‘veado’, pois aponta para uma proximidade ao feminino, a que o homem seja uma ‘mulherzinha’, atingindo a noção de virilidade masculina, que deve ser eternamente provada” (MACIEL, 2014, p. 14-15). Nesse sentido, a autora escreve sendo construída e construindo através da linguagem: ela entende, através do discurso social, que muitos homossexuais são afeminados e, ao mesmo tempo, constrói um personagem com essas características alimentando a ideia de quem lê de que homens homossexuais são, muitas vezes, afeminados. Ou seja, é de se esperar em um relacionamento entre gays que um deles tenha características femininas. Pode-se argumentar que é positiva a inserção de homossexuais afeminados em uma obra literária sem que este tenha características voltadas à comédia e não nego o quão positivo isso não é. É extremamente positivo que homossexuais sejam representados de diversas formas em uma tentativa de dar visibilidade a eles. O que não considero tão positivo é a dicotomia apresentada entre os personagens: Fitz, o masculino, Bingley, o feminino onde um completa o outro.

Uma discussão a respeito da pós-modernidade me ajudará a aprofundar o porquê da dicotomia. Linda Hutcheon explica no livro *A poetics of post-modernism: history, theory and fiction* que busca uma definição para o que seria pós-modernismo e que tipo de arte o pós-modernismo produz. Ela escreve: “É contraditório e trabalha dentro do próprio sistema que deseja subverter (...). Não repôs o lugar do humanismo liberal, mesmo que o tenha seriamente desafiado. Mesmo assim, marca o local da luta pela emergência de algo novo.” (p. 4, tradução nossa).⁹ Além disso, “O repensar a história na pós-modernidade é irônico e está aqui

⁹ It's contradictory and works within the very system it attempts to subvert (...). It has not replaced liberalism humanism, even if it has seriously challenged it. It may mark, however, the site of the struggle of the emergency of something new (HUTCHEON, 2000).

contextualizado nas muitas paródicas a outros filmes.” (p. 5, tradução nossa)¹⁰. Através do que Hutcheon escreve fica mais claro entender e ler as decisões de Herendeen. *Pride/Prejudice* é uma paródia que luta entre estar dentro do sistema e fugir dele. Ou como Hutcheon coloca: “A cultura pós-moderna tem uma relação contraditória com o que usualmente rotulamos como nossa dominante e liberal cultura humanística” (p. 6, tradução nossa).¹¹

Para Fredric Jameson, a pós-modernidade pode ser lida como algo diferente. Em seu livro *Pós-modernismo, a lógica do capitalismo tardio*, ele escreve: “o pós-modernismo não é a dominante cultural de uma ordem social totalmente nova [...], mas é apenas reflexo e aspecto concomitante de mais uma modificação sistêmica do capitalismo” (p. 16). Jameson defende que a análise a que ele procede não é apenas econômica, mas artística e social. Para ele, não é possível determinar com certeza se o pós-modernismo é ruptura ou continuidade, mas ele afirma: “fingir acreditar que o pós-modernismo é tão diferente como pensa ser e que constitui uma ruptura em termos de cultura e de experiência, que vale a pena explorar em maiores detalhes” (p. 17). O uso do termo ‘fingir’ é importante porque torna claro ao leitor que Jameson está analisando um fenômeno que ele não acredita seja revolucionário ou uma ruptura. Embora cite autores que têm uma visão diferente da sua, fala de ideia de ruptura, e do surgimento do termo, ele termina por retornar ao que ele diz no início do texto: O pós-modernismo é uma reinvenção do capitalismo que visa tornar a própria cultura em produto, um nível superior de fetiche da mercadoria como descrito por Marx.

Dessa forma, temos duas visões opostas. Hutcheon vê o pós-modernismo como uma quebra, contraditório sim, mas que mesmo em sua contradição é subversivo. Para Jameson, ainda seria cedo para determinar com certeza, mas ele assinala uma continuidade no sistema. Para ele, não há nenhuma subversão no pós-modernismo, pois não há nenhuma mudança na forma como a arte, enquanto revolução, estaria agindo. E não só não há mudança, mas uma abertura maior da visão de arte como mercadoria.

Como ler uma obra como *Pride/Prejudice* a partir disso? Penso que a obra lançada em 2000 se insere no que Linda Hutcheon caracteriza como pós-modernismo, pois existiria nela continuidade – por ser um romance, por se manter na dicotomia feminino e masculino – e

¹⁰ The postmodern ironic rethink of history is here contextualized in the many general parodic references to other movies. O repensar a história na pós-modernidade é irônico e está aqui contextualizado nas muitas paródicas a outros filmes (Ibid, 2000).

¹¹ Postmodern culture, then, has a contradictory relationship to what we usually label our dominant, liberal humanist culture. It does not deny it, as some have asserted. Instead, it contests it from within its own assumptions (Ibid, 2000).

ruptura – por reescrever um romance canônico inserindo um romance entre dois homens com cenas sexuais, por terminar com um relacionamento a três. Mas, embora a obra seja diferenciada da maioria dos romances românticos que vemos todos os dias, ela é uma obra feita para vender e deve funcionar dentro da lógica do que o mercado editorial considera como vendável. A autora é uma fã de Austen e é alguém interessada em preencher espaços vazios que ela via na narrativa e ambas as características são compatíveis com as de um *ficitor*. Mas seu texto não foi construído como uma obra postada na internet, mas sobre a qual houve uma demanda ou um interesse de publicação. Era um livro escrito com o objetivo de ser lançado no mercado. Pode ser uma ruptura com os romances românticos aos quais os leitores de livros estão acostumados, mas para leitores e leitoras de *slash fiction* esses temas não são novos. Caso o interesse da publicação tenha sido a de buscar leitores que não sejam os acostumados a *slash*, a adequação mercadológica está lá igualmente, tentando contrabalançar a potência de um romance gay com a continuidade dos parâmetros sociais de relacionamento amorosos e de gênero. Parece-me que a potência do romance é diminuída pelos obstáculos impostos pelo fato de ser uma publicação com o objetivo de ser lucrativo. Digo diminuída porque creio no potencial desconstrutivo da *slash*, principalmente daquelas escritas na internet, que luta contra os rótulos sociais sobre homens e mulheres, masculino e feminino, hétero e homo.

3 CONCLUSÃO

O gênero *slash fiction* tem se expandido. A reescrita da chamada literatura canônica mexe na sacralidade do texto sobre o qual um rótulo foi colocado. Editoras têm tido interesse em publicar esse gênero textual que, aos poucos, tem encontrado seu espaço na academia. Como ignorar tão grande tomada de poder por parte do leitor que se atreve a modificar a obra lida, escrever sua própria história e disponibilizar aos leitores sem se importar com questões autorais ou com a autoridade, ainda que respeite, do texto fonte? Esse, efetivamente, não é um leitor passivo, muitos deles são leitores/escritores jovens. Não será possível que a emergência desses textos modifique a forma como os leitores experimentam os livros? Pode a academia fechar os olhos para isso?

Colocar dois homens se relacionando amorosa e sexualmente dentro de uma história já bem estabelecida socialmente, estudada por intelectuais e utilizada em colégios e

universidades para estudo da literatura pode parecer, para muitos, um equívoco ou um escândalo. A temática da sexualidade é um tabu ainda hoje, ainda mais quando somada à homossexualidade e à reescrita de uma obra com essa temática sexual é um acontecimento potente. Por outro lado, é interessante ver que um texto com um potencial para quebra de barreiras se mostre um tanto normativo em termos de representação de gênero. Quando Austen conseguiu publicar *Orgulho e Preconceito* em 1813, ela lidava com uma sociedade bastante engessada em termos do que se esperava que fossem os papéis de um homem ou de uma mulher. E embora esses papéis variassem um pouco entre as classes sociais, os espaços para fugir ou subverter eram poucos. Quando o foco está na obra lançada em 2000, *Pride/Prejudice* se mostra com um imenso potencial de fuga de estereótipos, mesmo que não consiga se livrar de todos. A teoria *queer* pode nos ajudar a reler e retrabalhar esses estereótipos de gênero e sexualidade, e a arte pós-moderna funciona usufruindo e contribuindo para uma nova visão de literatura, gênero e sexualidade

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith, **Bodies that Matter**. Routledge Classics: New York, 2011.

FÉLIX, Tamires Catarina. **O dialogismo no universo fanfiction**: uma análise da criação de fã a partir do dialogismo Bakhtiniano. Disponível em http://www.revistaopedaleta.net/volumes/vol%2010.2/vol10.2-Tamires_Felix.pdf. Acesso em 15 de set. de 2012.

JAMESON, Fredric, Pos-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio.. Disponível em < <http://pt.scribd.com/doc/52340503/Jameson-Pos-modernismo-a-logica-do-capitalismo-tardio-Int-e-cap-1>> Acesso em 30 de dez de 2013.

FERREIRA, Carla Alexandra. **Jane Austen revisitada**: além de histórias de amor e casamento. Disponível em <http://www.cielli.com.br/downloads/71.pdf> Acesso em 15 de set. de 2012

HERENDEEN, Ann. **Pride/Prejudice**. A novel of Mr Darcy, Elizabeth Bennet, and their forbidden lovers. 1. Ed. Nova Iorque:Harper. 2010.

HUTCHEON, Linda, **A Poetics of Post-Modernism**: History, theory and fiction, 8 Ed. New York:Routledge. 2000.

MACHADO, Irene. **Gêneros Digitais e suas Fronteiras na Cultura Tecnológica**. Disponível em <<http://revistas.utfpr.edu.br/pb/index.php/revedutec-ct/article/view/1079/681>> Acesso em 3 jan 2015.

MACIEL, Luiz Fernando Carvalho. **Influência de mídias sociais na construção dos relacionamentos homoafetivos**. Disponível em

<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17856/1/2014_LuizFernandoCarvalhoMaciel.pdf>
Acesso 27 de abr. de 2015.

OAKLEY, Ann. **Sex, Gender and Society**. Harper: New York, 1972.

REIS, Fabíola S. F.; CHAVES, LILIA S. **O perfil dos autores-leitores de fanfictions-histórias criadas por fãs**. Disponível em www.ufpe.br/nehte/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2010/Fabiola-do-Socorro-Reis&Lilia-Silvestre-Chaves.pdf. Acesso em 15 de set. de 2012.

VARGAS, Maria Lucia B. **Do fã consumidor ao fã navegador: o fenômeno fanfiction**. Dissertação (Mestrado em Letras)- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo- Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo.

_____. **Slash: A fanfiction homoerótica no fandom Potteriano brasileiro**. Dissertação (Doutorado em Letras)-Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

_____. **O fenômeno fanfiction: novas leituras e escrituras em meio eletrônico**. Passo Fundo: Ed Universidade de Passo Fundo, 2005.